

A NATUREZA IMAGINÁRIA DO GÊNERO NA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA*

Mariza Corrêa**

Resumo

Tendo como pano de fundo uma pesquisa mais abrangente sobre a história da antropologia no Brasil, este texto sugere que a trajetória de algumas personagens femininas dessa história põem em xeque a suposta impermeabilidade das categorias masculino/feminina no sistema de classificações de gênero. Quando seres socialmente definidos como parte da cena privada são encontrados na cena pública, a ambiguidade de sua posição os coloca numa categoria anômala, como integrantes de uma espécie de "natureza imaginária".

*"Par cette forme toute à fait singulière de **nomination** que constitue le nom propre, se trouve instituée une identité sociale constante et durable qui garantit l'identité de l'individu biologique dans tous les champs possibles où il intervient en tant qu'**agent**, c'est-à-dire dans toutes ses histoires de vie possibles."*

(P. Bourdieu, "L'illusion biographique", **Actes de la recherche en sciences sociales**, 62/63, juin 1986.)

1. que é um nome?

* Este texto é parte da introdução a uma pesquisa, Antropologia e antropólogas no Brasil, que venho desenvolvendo com o apoio de uma bolsa de pesquisa do CNPq. Agradeço à Adriana Piscitelli suas sempre pertinentes observações.

** Professora do Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP.

Durante quatro anos procuramos por Dina Lévi-Strauss que, se não era uma celebridade na história da antropologia, também não era uma desconhecida. Acho que o primeiro a mencioná-la foi Egon Schaden, em seu depoimento, e depois encontramos mais referências sobre ela no livro de Lélia Gontijo Soares e Suzana Luz sobre a Sociedade de Etnografia e Folclore, criada por Mario de Andrade e da qual ela foi secretária.¹ Aí estão reproduzidos em fac-simile os Boletins da Sociedade e faz-se menção a um livro de Dina - **Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural** (1936) - e à sua chegada: "...Dina Lévi-Strauss, professora *agregée* da Universidade de Paris e egressa dos quadros do Museu do Homem. Ela acompanha o seu marido, Claude Lévi-Strauss, no Brasil, contratado como professor de sociologia da recém criada Universidade de São Paulo." (cit.,p.7) Na enorme correspondência de Mario de Andrade, ela raramente aparece, e quando aparece é nas notas de seus interlocutores, subsumida na categoria "o casal Lévi-Strauss", quando não simplesmente como "a mulher de Lévi-Strauss". É assim também que se refere a ela com frequência o filósofo francês Jean Maugué em sua autobiografia: "Lévi-Strauss et sa femme".² Numa carta de agosto de 1938 a Mario de Andrade, Oneyda Alvarenga menciona a razão de sua saída do país: "...você sabe que Mme. Lévi-Strauss está quase cega e talvez venha mesmo a perder totalmente a vista? Apanhou em Mato Grosso uma conjuntivite purulenta, de que o marido escapou, me informaram, por usar óculos (o que me parece besteira.) Não sei outros detalhes. Ela está aqui,devendo voltar logo para a França. O Lévi-Strauss continua atrás de índios."³

¹ *Mario de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore*, 1936-1939, Funarte-Instituto Nacional do Folclore-Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo- Rio de Janeiro, 1983.

² *Les dents agacées*, Bouchet-Chastel, Paris, 1982

³ *Cartas Mario de Andrade- Oneyda Alvarenga*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1983.

Dina aparece também quase como um pé de página em **Tristes Trópicos** e em **De Près et de Loin** - mas um olhar mais atento não a descobriria na personagem Camila, da peça de teatro que Lévi-Strauss imaginou em sua expedição? "Camila rompeu com Cinna e essa ruptura traz a este a prova final de um fracasso de que já se tinha persuadido." Cinna é "um exaltado que só gosta de estar entre os selvagens" e que diz, à certa altura, evocando a experiência presente do autor: "Comi lagartos, serpentes e gafanhotos; e desses alimentos, cuja idéia só provoca náuseas, eu me aproximei com uma emoção de neófito, convencido de que ia criar um laço novo entre o universo firme e eu." (**Tristes Trópicos**, cap.XXXVII) Cinquenta anos depois, graças à persistência de Anne Marie Pessis, Dina foi encontrada e entrevistada. É uma curta entrevista essa, com a professora de filosofia Fernande Dina Dreyfus que reiteradamente negava **nossas** lembranças do **seu** passado. Ela não **lembra** ter filmado ou escrito sobre os Bororo (no mesmo ano em que se comemoravam os 80 anos de Lévi-Strauss quando várias homenagens foram prestadas ao etnólogo na França, entre as quais uma exibição de seus filmes, feitos com Dina, no Brasil) e é só depois de muita insistência da entrevistadora que **relembra** trechos de sua vida aqui, o nome de alguns amigos, de **Mariô**...⁴

Conto essa pequena história porque ela expressa bem duas questões que começaram a nos perseguir logo que passamos a entender um pouco melhor a história que estávamos tentando pesquisar.⁵ A primeira é a que chamei de 'notoriedade

⁴ A entrevista, em vídeo, faz parte do projeto mencionado na nota seguinte e foi feita por Anne Marie Pessis com Dina Dreyfus em Paris, em 1988. Mariô é Mario de Andrade.

⁵ Trata-se do Projeto História da Antropologia no Brasil que, desde 1984, venho desenvolvendo no Departamento de Antropologia da Unicamp, com o apoio da FAPESP, do CNPq, da FINEP e do FAEP-Unicamp e com a colaboração de várias turmas de alunos da graduação e da pós-graduação aos quais agradeço o empenho e o interesse ao longo desses anos.

retrospectiva' em outro texto, isto é, o modo como o **renome** adquirido a partir de um certo momento, pode iluminar a vida inteira de um personagem - o bom exemplo aqui sendo o jovem professor de sociologia na USP nos anos trinta Claude Lévi-Strauss. O reverso desse exemplo é o já citado Maugué, lembrado e relembado por seus alunos e sucessores como um professor brilhante e que se define em sua auto-biografia como um acadêmico **raté**.⁶ Sua auto-biografia parece ser também um modo de se insurgir contra esse 'fracasso', de recuperar um tempo em que sua presença acadêmica teve importância, daí seu tom amargo. Outro exemplo pungente (pungente pelo afeto que ele investiu num país no qual não podia viver) do reverso da 'notoriedade retrospectiva' é o do professor Donald Pierson, lembrado publicamente quase que só pelos estudiosos da questão racial no Brasil até que Thales de Azevedo sugeriu que escrevêssemos a ele. O seu depoimento foi uma surpresa - como continua sendo surpreendente descobrir as relações estabelecidas por ele no país e sua atuação institucional, expressas nos documentos de seu arquivo pessoal.⁷ Analisando essa documentação, e a extensa lista de nomes ali lembrados, começou a ficar claro que o que é chamado de personagem secundário na literatura teve tanta, ou mais, importância na construção institucional das ciências sociais no período examinado do que os personagens principais - aqueles que por seu destaque posterior pareciam os únicos a ocupar a cena. Como diz Michael Pollak: "Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de

⁶ Antonio Candido, entrevista à revista *Transformação*, 1974; e ARANTES, Paulo Eduardo: "Certidão de Nascimento", *IN Novos Estudos Cebrap*, (23), março, 1989.

⁷ Ver CORRÊA, M. (org.): *História da Antropologia no Brasil*, vol.I, Testemunhos (Donald Pierson e Emílio Willems), Editora da Unicamp/Editora Vértice, Campinas, São Paulo, 1987.

saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado."⁸ Isto é, que é mais fácil esquecer daqueles que foram saindo de cena e que, ao longo do tempo e no conjunto dos personagens, passaram para segundo plano, ainda que tenham, por um breve momento, sido personagens principais na história da antropologia.

Mas é à segunda questão, quase derivada dessa que quero dedicar mais espaço aqui: ao refletirmos sobre a notoriedade retrospectiva de Lévi-Strauss e ao 'esquecimento' de Dina, começamos a nos perguntar o que tinha sido feito das pesquisadoras nessa história: personagens ainda mais secundárias do que os exemplos antes mencionados. Salvo poucas exceções, elas aparecem, naquele momento, como **esposas** - a esposa de Donald Pierson, a esposa de Charles Wagley, a esposa de David Maybury-Lewis, a esposa de Darcy Ribeiro, a esposa de Eduardo Galvão, a esposa de Robert Murphy, a esposa de Charles Watson... a lista certamente poderia continuar. Todas elas adotaram o nome do marido ao casar, a ponto de ser muito difícil redescobri-las com seu próprio nome, mesmo quando descasadas, como no caso de Dina. Todas estiveram no campo e parecem ter sido auxiliares de pesquisa inestimáveis, segundo os relatos de seus próprios maridos. Só em poucos casos, no entanto, deixaram esse papel de auxiliares - caso de Yolanda Murphy, por exemplo - ainda que tenham, em outros, assumido quase o papel principal, como no 'romance do Brasil Central', como David Maybury-Lewis chamou num certo momento a expedição dele e de Pia entre os Xavante e os Xerente.⁹

Parece apropriado lembrar aqui os padrões Xavante de nomeação:

⁸ POLLAK, Michael: "Memória, esquecimento, silêncio", IN *Estudos Históricos*/3, Rio de Janeiro, Ed. Vértice, São Paulo, 1989.

⁹ Ver MAYBURY-LEWIS, David: *O Selvagem e o Inocente*, de 1969, Editora da Unicamp, Campinas, 1990.

A natureza imaginária do gênero

" Um menino Xavante não recebe nome ao nascer.(..) Recebe seu primeiro nome por volta dos cinco ou seis anos de idade (..). Um homem deve ter, teoricamente,no mínimo quatro nomes.(..) As mulheres, de acordo com o padrão Xavante, podem crescer sem nome (..). Além disso, tenho certeza de que algumas mulheres Xavante realmente não sabiam seus próprios nomes."¹⁰ Pia, curiosamente, recebeu dois nomes dos Xavante, e é personagem tão presente na viagem e no texto que, mesmo em sua ausência, o autor que o assina escreve 'nós'.

O que significa então um nome, senão **renome**? Uma pessoa de renome estende a 'ilusão biográfica' para além do momento em que o adquire - nós sucumbimos a essa ilusão ao sair à procura de Dina **Lévi-Strauss**. **Renome** no duplo sentido de nome famoso e de segundo nome, no caso das mulheres, com frequência o que elas adquirem ao casar (no caso de alguns homens, o escolhido por eles para seu nome público - como Reginald Brown escolheu tornar-se Radcliffe-Brown em certo momento).

Ao serem assim renomeadas essas mulheres se tornam então **esposas**, e passam a ser assim também consideradas pelos outros.¹¹

Exemplos do primeiro caso,isto é, do assumir essa transformação em esposa, são inúmeros. Depois da morte de Victor Turner, Edith Turner escreveu uma comovente memória

¹⁰ MAYBURY-LEWIS, D.: *A Sociedade Xavante*, cap.VI, Livraria Francisco Alves editora, Rio de Janeiro, 1984.

¹¹ Ver a observação, à la Simone de Beauvoir, feita por Lévi-Strauss sobre o uso, entre os franceses, de a viúva de alguém incorporar o termo **veuve** a seu nome.(LÉVI-STRAUSS, C.: *O pensamento selvagem*, Cia. Editora Nacional/EDUSP, São Paulo, 1970 (1962):224).

sobre os anos felizes que passou com ele na África. Ela própria uma antropóloga- o que só se descobre, neste livro, com alguma atenção- assim descreve o propósito de seu livro:

*"I would like to call it advocacy anthropology in the female style, that is, speaking on behalf of a culture as a lover or a mother. I decided to use all the observations, knowledge, and field material that I and Vic had collected, and form them - these actual facts of fieldwork, not imaginary material - into a coherent story, adding my own blood of motherhood, as it were, to feed the embryo so that it might grow in its own true way." E, bem mais adiante: "What about my personal development in the course of these experiences? Could it be said that I was mastering my life? I was living a story in order to tell it, which I am doing in this book. But the reader will find that I've managed to entangle myself into it **without being able to get out.**(..)I fall into each one's life, just as I fell into Vic's life."*¹²

Helen Pierson, mais de trinta anos depois de sua estadia no Brasil, faz eco a essa observação: ".. meu depoimento seria

¹² ("Gostaria de chamá-lo de antropologia a favor no estilo feminino, isto é, advogar em defesa de uma cultura como uma amante ou mãe. Decidi utilizar todas as observações, o conhecimento e o material de campo que eu e Vic recolhemos - fatos reais do trabalho de campo, não material imaginário - e transformá-lo numa história coerente, acrescentando, por assim dizer, meu próprio sangue materno para alimentar o embrião, para que ele possa crescer da melhor maneira. (...) Que dizer de meu desenvolvimento pessoal durante essas experiências? Poder-se-ia dizer que eu estava me assenhoreando de minha vida? Eu vivia uma história para contá-la, o que faço neste livro. Mas o leitor descobrirá que fui me envolvendo com ela, **sem conseguir escapar.** (...) Entrei na vida de cada um, como entrei na vida de Vic.") TURNER, Edith: *The spirit and the drum - a memoir of Africa*, The University of Arizona Press, 1987. Ênfase adicional. Comparar com a citação de Donna Haraway (1989) de um conto de Octavia Butler (trata-se da fala de uma personagem várias vezes operada para resolver problemas "biológicos"): "I suppose I could think of this as fieldwork, but how the hell do I get out of the field?" ("Suponho que poderia encarar isso como trabalho de campo mas como, diabos, escapo do campo?")

apenas o de uma esposa de antropólogo social e sociólogo. Aliás, sempre pensei do meu papel no Brasil como sendo o de uma 'Girl Friday' (termo inglês), isto é (para inventar duas palavras), 'facilitadora' e 'suplementadora'." (Carta pessoal, 25 de setembro, 1989). Isso apesar de citar uma extensa lista de seus afazeres que incluíam seu trabalho de datilografar a correspondência do marido - continuado até sua morte, em 1994 - dar aulas de inglês aos alunos da Escola de Sociologia e Política, buscar livros e artigos na Biblioteca Municipal de São Paulo, fazer levantamentos para as pesquisas de campo e preparar questionários, com sugestões aos estudantes, para essas pesquisas. Os trechos de seu diário de campo, de dezembro de 1947 a fevereiro de 1948, mostram sua intensa atividade como 'Girl Friday' mas também uma observadora perspicaz da vida cotidiana no interior de São Paulo.

Exemplos do segundo caso, isto é, de consideração, por parte de outros, das pesquisadoras como sendo apenas esposas, são, em geral, implícitos, como se, sendo esposa, a parceira se tornasse menos visível. Mas há alguns anos atrás, Richard Price escreveu numa carta ao **American Ethnologist**, "...como parceiro num time antropológico de marido e mulher (que publicam em conjunto e separadamente), julgo apropriado observar que **Suriname Folk-lore** (1936) - um livro com idéias surpreendentemente modernas a respeito da música, da fala e do estilo Afro-americano - foi de fato escrito em co-autoria com Frances Herskovits. E minha própria leitura desse trabalho sugere que ele é consideravelmente baseado mais em seu trabalho de campo do que no dele (Melville Herskovits). E, de fato, se o livro fosse publicado hoje, o nome de Frances Herskovits bem poderia figurar como o do autor principal." (AE, 12:4, 1985) Observação tanto mais interessante por partir de um marido.

De fato, na época aqui analisada (o período entre os anos finais do século passado e os anos quarenta deste século), era

raro uma mulher em busca de renome, o mais frequente sendo a existência de pesquisadoras dublês de esposas - ou vice-versa. O que ajuda a explicar a má vontade com que alguns pesquisadores locais receberam Ruth Landes quando ela esteve no Brasil para fazer suas pesquisas sobre o candomblé da Bahia. O impacto dessa má vontade sobre ela foi tão forte que ainda se refletia nas suas lembranças do tempo que passou aqui quarenta anos depois. Numa carta pessoal ela desabafa sobre a perseguição que teria sofrido de dois pesquisadores, um brasileiro e um norte-americano (um deles sendo Herskovits, o que empresta um toque de ironia à citação acima), que chegaram a escrever a Gunnar Myrdal, acusando-a de vender serviços sexuais aos negros, apenas porque ela fazia pesquisa de campo nos candomblés da Bahia - "uma jovem mulher de menos de trinta anos e conspicuamente loura". Diz ela: "Their calumnies were symbolic rape on me."

Landes registrou suas outras lembranças do período em que esteve no Brasil num artigo¹³ no qual não menciona as razões pelas quais não pode retornar à suas pesquisas no país. Seu caso é uma confirmação das dificuldades encontradas por mulheres sozinhas (com nome próprio ou em busca de renome) de fazerem pesquisa de campo na época: um nome é também sinônimo de reputação e a dela ficou marcada por esse ataque.¹⁴

¹³ (Suas calúnias eram um estupro simbólico.) Carta de 6 de abril de 1986.

A woman anthropologist in Brazil, em GOLDE, Peggy (ed.): *Women in the field - anthropological experiences*, University of California Press, Berkeley e Los Angeles, 1986 (1970). Sobre a experiência de Ruth Landes no Brasil, com ênfase no seu interesse pela relação entre raça e gênero, ver HEALEY, Mark: "The sweet matriarchy of Bahia", IN *Ruth Landes' ethnography of race and gender*. History Department, Duke University, dezembro de 1995.

¹⁴ Talvez seja exagero, mas George e Alice Park concluíram que foi graças ao que chamaram de "assassinato moral" de Arthur Ramos que Ruth Landes não obteve emprego na universidade nos dez anos seguintes e nenhuma posição profissional por mais dez anos, até ser contratada por uma universidade canadense em 1965. (Ruth Shlossberg Landes em Ute Gacs, Aisha Khan, Jerry McIntyre e Ruth Weinberg, (eds.): *Women anthropologists: selected biographies*. Chicago, University of Illinois Press. 1984.)

As possibilidades que se ofereciam às mulheres, em sua maioria estrangeiras, que desejassem levar adiante uma carreira como pesquisadoras naquele tempo estavam assim reduzidas: ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem mal vistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens. Era ainda possível herdar, de certo modo, o renome do pai, junto com seu nome, como no caso de Heloisa Alberto Torres, ou **dona** Heloisa, como era mais conhecida.

Seria possível falar aqui de uma dupla ilusão biográfica (como se diz da 'dupla jornada de trabalho') no caso das mulheres- mas não é só disso que se trata, pois em nossa história, ao perdermos um nome, perdemos também um personagem. Todas essas esposas, todas essas 'girl-fridays', estão de certa forma sujeitas à desapareição, já que seu **nome próprio** é o nome de outrem e, para elas, é impossível sequer manter a ilusão de uma "identidade social constante e duradoura", da qual esse nome é o fundamento.

2. identidade & afinidade

Começando, então, pela **identidade**, primeiro conceito a interrogar se queremos prosseguir pensando nas antropólogas e nas esposas de antropólogos dublês de pesquisadoras como se pudessem ser um conjunto definido por alguma (qualquer) característica comum. No seminário justamente famoso dedicado ao assunto, Lévi-Strauss destoou um pouco dos outros participantes ao concluir que a identidade tem uma existência puramente teórica: "celle d'une limite à quoi ne correspond en réalité aucune expérience." Isso porque o que apreendemos com nossa experiência é sempre uma parte de qualquer conjunto, um todo descontínuo. A imagem que me ocorre ao ler isso é a de uma teia rasgada: nunca seremos capazes de reconstituir todos

os fios que a completavam e por isso trabalhamos com indícios, com rastros, com sinais. Isso não parece ser uma prerrogativa ou maldição das ciências humanas: as assim chamadas ciências da natureza também estão repletas de exemplos de falta de continuidade nas suas demonstrações, continuidades em geral preenchidas com muita imaginação pelo físico ou biólogo que reconstrói a teia, qualquer teia.

Mas porque os integrantes das sociedades humanas, e seus estudiosos, seriam então apaixonados pela busca de uma identidade (étnica, sexual, de classe, nacional)? Talvez justamente para fazer sentido daquela teia rasgada, para, recuperando os fios que faltam, integrar do melhor modo possível o desconhecido no conhecido. A identidade seria assim "uma espécie de foco virtual ao qual é indispensável nos referirmos para explicar um certo número de coisas, mas sem que nunca tenha uma existência real."¹⁵

Em inúmeras sociedades humanas, as mulheres parecem ser excluídas mesmo desse foco virtual, socialmente construído para alocar os agentes sociais; de certo modo pondo assim em xeque a substancialidade dessa identidade - vimos acima o exemplo dos Xavante e muitos outros podem ser citados. Fiquemos com o dos chineses. Na sociedade chinesa tradicional, como entre os Xavante, os homens tem vários nomes, dados ou escolhidos ao longo de sua vida e que expressam a mudança de estado, de criança a adulto, a profissional realizado, a cidadão integrado em sua comunidade, a pessoa a ser venerada após a morte. As mulheres recebem um nome provisório ao nascer e o perdem ao casar - a partir daí elas serão referidas pela sua relação com outros, especialmente sua família.¹⁶

¹⁵ LÉVI-STRAUSS, C. *L'Identité*. Grasset, Paris, 1977.

¹⁶ WATSON, Rubie S. "The named and the nameless: gender and person in Chinese society", *IN American Ethnologist*, 13 (4), Novembro, 1986.

Margery Wolf comenta: "Ao passo que o homem chinês nasce numa comunidade social e espiritual que tem continuidade não apenas em vida mas também após a morte, a mulher chinesa nasce numa comunidade da qual ela é apenas uma residente temporária e sua comunidade espiritual após a morte depende de quem ela desposa ou, mais importante ainda, aos ancestrais de quem ela dará a luz. (..) O trauma do casamento chinês, no qual uma mulher muito jovem é transferida para uma aldeia distante onde ela não conhece ninguém, nem mesmo seu marido, cria para as mulheres uma crise de identidade que só é resolvida pela aquisição gradual de um novo conjunto de espelhos nos quais ela possa se identificar."¹⁷

Soa familiar, mas madrasta de Branca de Neve e Lacan à parte, o que a observação da pesquisadora ocidental parece expressar é uma angústia em relação aos nossos espelhos de identidade. É como se essa troca sucessiva de espelhos a que as mulheres chinesas estão, ou estavam, destinadas exacerbasse a percepção da existência de espelhos deformantes em nossa própria sociedade; como se essa ausência de nome enfatizasse a desapropriação que sofremos de nossos nomes.

Não é de estranhar - a descrição dos modos de ser de outras sociedades sempre fez com que acabássemos refletindo sobre nossos modos de ser e à percepção daquela falta/ausência poderíamos então, paradoxalmente, atribuir um ganho em termos de reflexão. Mas, se os grupos de conscientização multiplicados pelo feminismo dos anos 60 ajudaram a reforçar uma identidade feminina, acentuando tudo o que havia de comum entre mulheres, percebeu-se em seguida que **a mulher** era uma identidade tão ilusória como qualquer outra.

¹⁷ WOLF, M.: *A Thrice-told Tale: feminism, post-modernism and ethnographic responsibility*. Stanford University Press, 1992. No contexto deste texto o livro de Margery Wolf merece um breve comentário: tendo iniciado sua carreira como esposa de antropólogo, a cena (três vezes recontada aqui) que mais a impressionou naquela primeira experiência de campo foi a da falta de identidade de uma mulher da comunidade estudada. O livro é também, curiosamente, uma defesa da identidade da disciplina antropologia contra as incursões dilacerantes dos pós-modernos.

Se a principal característica do mundo no qual vivemos hoje é a fragmentação das identidades e, portanto, a busca por um substrato que lhes dê unidade está de antemão condenada ao fracasso, onde ancorar lutas afins? Porque é de lutas que se trata quando se trata de afirmar uma identidade: "O que se ganhou com os estudos de etnicidade foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta **articulada** com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças."¹⁸

Donna Haraway, por exemplo, anotando as dificuldades das lutas feministas, propõe substituir a procura por uma **identidade** pela luta em torno de **afinidades**.

"Tornou-se difícil nomear nosso feminismo através de um adjetivo único - e até insistir no substantivo em qualquer circunstância. A consciência da exclusão via nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. O reconhecimento arduamente conquistado de sua constituição social e histórica impede que gênero, raça e classe sejam a base da crença numa unidade "essencial". Não há nada a respeito de ser "feminina" que una as mulheres naturalmente. Nem mesmo existe o estado de "ser" feminina, ela mesma uma categoria altamente complexa, construída em discursos científicos sexualizados e através de

¹⁸ CUNHA, Manuela C.: *Negros, estrangeiros*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985. Talvez tenhamos ganho algo parecido com os estudos feministas; compare-se esta com a definição de gênero de J. Butler: "Gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente adiada, nunca inteiramente o que é numa dada circunstância histórica. Isto é, uma coalizão aberta que afirmará identidades alternadamente instituídas ou deixadas de lado de acordo com os propósitos do momento; será um conjunto aberto que permite múltiplas convergências e divergências sem obedecer a uma finalidade normativa de definições fechadas." (BUTLER: *Gender trouble, feminism and the subversion of identity*, Routledge, Chapman e Hall, N.Y., 1990).

*outras práticas sociais conflitivas. A consciência de gênero, raça ou classe foi uma conquista a que fomos forçadas pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo. E quem é "nós" na minha própria retórica? Que identidades estão disponíveis para sustentar um mito político tão potente chamado "nós" e o que motivaria o alistamento nessa coletividade? Uma fragmentação pungente entre as feministas (para não dizer entre as mulheres) em qualquer tipo de alinhamento tornou a noção de **mulher** elusiva, uma desculpa para a matriz da dominação de mulheres por mulheres. Para mim - e para tantas que compartilham uma situação histórica semelhante como branca, profissional de classe-média, fêmea, radical, norte-americana, de meia idade - as fontes de uma crise de identidade política são inúmeras. A história recente de boa parte da esquerda e do feminismo nos Estados Unidos tem sido uma resposta a esse tipo de crise através de infindáveis fracionamentos e da busca por uma nova unidade essencial. Mas tem havido também um crescente reconhecimento de outra resposta a partir de coalisões: **afinidade**, não **identidade**." ¹⁹*

¹⁹ HARAWAY, D.: "A manifesto for cyborgs: science, technology and socialist feminism in the 1980's", IN *Socialist Review/80*, 1985. A citação seguinte está em HARAWAY, D.: "Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspectives", IN *Feminist Studies/14(3)*, 1988. Criticando a tendência de algumas feministas a desprezarem a ciência por seu comprometimento com uma visão dominante do mundo, Haraway propõe uma re-leitura e uma re-apropriação dela a partir daquela "falta" exemplificada, em seu extremo, pela posição da mulher na sociedade chinesa tradicional. Diz ela: " O olho ocidental tem sido fundamentalmente um olho errante, uma lente viajante. Essas peregrinações frequentemente foram violentas e insistentes na necessidade de espelhos para o conquistador - mas nem sempre. As feministas ocidentais também **herdam** alguma habilidade ao aprenderem a participar da revisualização de mundos virados de ponta cabeça em desafio à visão dos mestres e que transformaram o universo. Não é preciso começar do nada. (...) A subjetividade é multidimensional; portanto, a visão também. O ser do

Afinidade (como gênero) deriva de nosso vocabulário latino sobre família e parentesco e, etimologicamente, supõe relação - ao contrário da origem da palavra identidade (**idem**) que significa o mesmo²⁰. Donna Haraway estava pensando em relações entre mulheres quando escreveu aquelas linhas; Morgan estava pensando em relações sociais mais amplas quando escreveu **Systems of consanguinity and affinity**; gênero pretende cobrir as relações construídas a partir de identificações ou atribuições de masculinidade e feminilidade a todos os seres humanos, isto é, entre "mulheres", entre "homens" e entre "mulheres" e "homens" - se é que essas designações ainda podem ser usadas num universo tão semioticamente carregado.

3. masculina\feminino feminina\masculino: a natureza imaginária

A questão é antiga e, antes de as feministas terem adotado o termo gênero para desvincular as relações **entre** e definições **de** homens e mulheres de qualquer conotação naturalizante, ou biologizante, a literatura já problematizara essas identidades supostamente apoiadas no dimorfismo sexual.²¹ O

conhecimento é parcial em todas as formas que assume; nunca terminado, completo, estático e original; é sempre construído e alinhavado imperfeitamente e, **portanto**, capaz de juntar-se a outro, de ver com o outro, sem pretender ser outro. Essa é a promessa da objetividade: o cientista procura a posição do objeto, não de identidade, mas de objetividade, isto é, de conexão parcial."

²⁰ Observe-se que enquanto na língua inglesa a palavra **gender** parece ter em primeiro lugar a conotação gramatical, no dicionário brasileiro de Aurélio Buarque de Holanda, sete acepções são apresentadas antes daquela. Para uma genealogia da noção seria instrutiva uma recapitulação da história dos gêneros literários, desde Aristóteles e seus seguidores, que propunham uma classificação naturalizada das obras literárias, atribuindo a cada gênero um estilo próprio e rígido, até o romantismo, quando se rompem as fronteiras entre eles.

²¹ O próprio dimorfismo sexual estando também, no momento, sujeito a críticas e questionamentos. Ver HARAWAY, D.: *Primate visions - gender, race and nature in the world of modern science*, Routledge, N.Y. e London, 1989.

A natureza imaginária do gênero

andrógino, uma das expressões do que metafísicos e teólogos chamavam de **coincidencia oppositorium**, foi um objeto da especulação literária com uma certa ressonância no século dezanove.²²

Virginia Woolf continuava assim uma tradição literária ao afirmar que "É fatal ser homem ou mulher, pura e simplesmente; é preciso ser masculinamente feminina ou femininamente masculino." Ao fazer essa anotação numa conferência para estudantes inglesas em 1928, Virginia Woolf certamente não pretendia atribuir-lhe o estatuto de teoria embora seu texto - e o romance **Orlando**, que o expressava em termos ficcionais- terem tido uma repercussão que extrapolou os muros das escolas para moças.²³

Usos literários à parte, um bom número dos trabalhos que registraram exemplos do jogo do masculino/feminina em sociedades não ocidentais era de autoria de antropólogos ingleses que tentaram explicar esses jogos no contexto das sociedades estudadas e recorrendo às teorias antropológicas de

²² Ver, por exemplo, *Serafita*, de BALZAC e *Mademoiselle de Maupin*, de Théophile GAUTIER, ambos romances dos anos trinta do século passado. No contexto da discussão sobre a noção de gênero, o comentário citado por Richard Gilman sobre o romance de Gautier é esclarecedor: "Maxime du Camp said he had been the creator of a **sort of imaginary nature**." ("Maxime du Camp observou que ele criara uma espécie de natureza imaginária".) - (GILMAN: *Decadence, the strange life of an epithet*, Farrar, Straus e Giroux, N.Y., 1980). Sobre as origens religiosas da noção de andrógino, ver ELIADE, Mircea: *Mefistófeles e o andrógino*, Livraria Martins Fontes editora, São Paulo, 1991.

²³ WOOLF, V.: *Um teto todo seu*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985. Comentário de Camille Paglia: "Em toda a sua obra, Virginia Woolf torna o andrógino superior ao homem viril comum, uma atitude que acho mesquinha e provinciana. O andrógino é um grande símbolo criativo, mas não deve **usurpar a autoridade** de todas as demais personas sexuais." (PAGLIA: *Personas Sexuais*, Cia. das Letras, São Paulo, 1992, p.292, ênfase adicional). Observação curiosa, já que seu livro pode ser lido como uma história do andrógino através das artes e da literatura. Ver um resumo das discussões entre as especialistas na obra de V.Woolf e seus herdeiros literários em MARCUS, Jane: "Storming the toolshed", **IN** *Feminist theory - a critique of ideology*, ed. por Nannerl O. Keohane, Michelle Z.Rosaldo e Barbara C.Gelpi.

sua época, ainda que, curiosamente, nenhum deles tenha recorrido à figura do andrógino.²⁴

Parte de uma tradição religiosa ou do imaginário literário, o andrógino é uma figura interessante porque põe em questão os limites do feminino\masculino, de certa forma **poluindo** essas definições. Numa bela análise da noção de poluição, Mary Douglas mostrou o perigo inerente "a separações simbólicas do que deveria estar unido ou a uniões simbólicas do que deveria estar separado."²⁵

No Brasil, a especulação sobre a ambiguidade na definição da identidade sexual também começou no século dezenove. Médicos e literatos (alguns com formação médica) empenharam-se em demonstrar, antecipadamente, o que Mary Douglas e outros antropólogos analisaram depois: o perigo está no indefinido, na quebra das definições; em suma, nos limiares.²⁶

²⁴ Conforme se ampliava a consciência ocidental sobre esses jogos em sua própria sociedade, a descrição dos antropólogos também se tornava mais sofisticada: ver STRATHERN, M.: *The gender of the gift, problems with women and problems with society in Melanesia*, University of California Press, Berkeley-Los Angeles-London, 1988. Só mais recentemente esse olhar tem se desviado das chamadas sociedades primitivas: ver, por exemplo, ROBERTSON, Jennifer: "The politics of androgyny in Japan: sexuality and subversion in the theater and beyond", *IN American Ethnologist*/19 (3), 1992. Na cena brasileira, o termo ganhou uma certa popularidade nos anos setenta a partir de seu uso pelo grupo teatral Dzi-Croquettes (ver LOBERT, Rosemary, *A palavra mágica Dzi: uma resposta difícil de se perguntar - a vida cotidiana de um grupo teatral*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Unicamp, 1976). James Boon faz uma bela analogia entre androginia e cromatismo visual, tentando recuperar, textualmente, uma presença invisível nos relatos de pesquisa de um grupo de antropólogos em Bali (Between-the -wars Bali, em STOCKING, G.: *History of Anthropology*, vol. IV, University of Wisconsin Press, 1986).

²⁵ DOUGLAS, M.: *Purity and danger, an analysis of concepts of pollution and taboo*, Pelican books, 1970. (Tradução brasileira de, Ed. Perspectiva, SP, 1976.)

²⁶ Desenvolvo essa observação em minha tese de doutorado (CORRÊA, M.: *As ilusões da liberdade - a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*, USP, 1982), analisando especialmente o tratamento dado pelos médicos às consequências das relações raciais no Brasil: a mulata como figura liminar perigosa, poluidora, tem uma longa história cujas origens se encontram nessas análises médicas. Ver também SUSSEKIND, Flora: *Tal Brasil, qual romance?*, Achiamé, Rio de Janeiro, 1984.

A belíssima análise de Pierre Bordieu sobre a sociedade kabila (em *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Librairie Droz, Genève, Paris, 1972), na qual a segregação entre homens e mulheres é extrema, acentua justamente a importância atribuída aos limiares entre o mundo

Essas definições são frequentemente implícitas, já que fazem parte do repertório supostamente (re)conhecido por todos os integrantes de uma sociedade dada e é só quando são postas em questão que elas adquirem feição mais clara, isto é, que mostram seu potencial como definições não estabelecidas, mas em conflito por uma significação precisa. Assim como ocorria com a noção de raça nos textos daqueles médicos, as noções de masculino e feminina nos textos que vou analisar aqui são sempre elusivas: em nenhum momento encontramos, lá, um discurso direto que defina a raça ou, aqui, um discurso direto que defina masculino ou feminina. E, como no âmbito das discussões sobre relações raciais, também aqui é só quando as fronteiras entre masculino e feminina são indevidamente atravessadas que elas são tematizadas. Aparentemente, tudo se passa como se as personagens femininas da história aqui contada, fossem homólogas aos seus equivalentes masculinos na história da antropologia: naturalistas, sertanistas, pesquisadores de campo, administradores, professores... **Aparentemente**, se atentarmos apenas para os registros mais superficiais de suas carreiras: referências esparsas sobre suas atividades, biografias curtas, necrológicos. Isto é, em situações textuais em que elas são o centro de um discurso sobre elas, o máximo que se pode inferir das definições de masculino e de feminina na época de cada uma é que elas eram vagamente excepcionais - dada a maior ou menor explicitação de cada autor de sua admiração pelos feitos de uma **mulher**. Olhando-as em conjunto, então, retrospectivamente, o que temos à primeira vista é um grupo, reduzido, de figuras femininas que pouco se distinguiriam de seus colegas masculinos naquelas atividades antes mencionadas; e a única identidade que lhes é atribuída é a de serem **mulheres** profissionais - algumas nem isso - que viveram numa época em que a maior parte dos profissionais eram **homens**.

masculino e o feminino e mostra como é necessário atribuir a cada objeto, a cada espaço, seu lugar num desses mundos, para evitar a poluição de um pelo outro.

Colocando-as lado a lado com seus colegas, no entanto, e analisando suas trajetórias no contexto da época de cada uma, começam a emergir definições de feminina e de masculino explicitadas em disputas pelo poder, pelo prestígio ou por privilégios de vários tipos e pela atribuição, a elas, de um estatuto ambíguo, como se se tratasse de seres andróginos a quem é preciso conjurar, desmentir, redefinir tão logo essa atribuição se expressa nos discursos a respeito de seus feitos científicos. Movimento de estranhamento, primeiro (que faz essa mulher num grupo de homens? Deve ser homem...), de re-alocação, em seguida (mas vejam que belo chapéu...feminino), logo de desqualificação (sendo mulher.. não poderia ser cientista - ou vice-versa). Lidos de hoje, alguns desses movimentos parecem tímidas estratégias de re-afirmação da impermeabilidade das categorias homem e mulher, da rigidez das fronteiras entre masculino e feminino. Vividos na época, devem ter parecido cruéis estratégias de exclusão. A constante re-afirmação dessa impermeabilidade e dessa rigidez é também o melhor indicador de incerteza, de insegurança na definição das próprias categorias (homem/mulher; masculino/feminino) na prática: quais seriam, afinal, os elementos indiscutíveis de separação, de constituição daquele traço que as separa, se um mísero item de vestuário alterado (chapéu ou calças, no caso das pesquisadoras de campo), um pequeno gesto não sintonizado ("adamado", no caso dos naturalistas de museu) ou o simples estar lá num espaço onde sua presença não era prevista, as punha em questão?

Tais definições se explicitam melhor quando comparamos esse pequeno grupo de pesquisadoras, todas sem marido, às esposas dos pesquisadores, em sua maioria estrangeiros, mas alguns brasileiros, que acompanharam seus maridos ao campo. Isto é, quando as colocamos num continuum que vai da mulher só à mulher esposa.²⁷ Aí, um dos atributos da condição feminina

²⁷Esposa significando também mãe virtual: não por acaso, à sua função de mãe é que vão recorrer os personagens que tentam dissuadir Leolinda Dalto de sua aventura como sertanista e é como com

está presente de antemão e recobrirá quase inteiramente a personagem: **a esposa de** deixa de ser uma referência e passa a ser tanto o nome de cada uma das esposas, como o nome genérico dessa categoria de parceiras etnográficas, passa a ser sua identidade (atribuída) principal.²⁸ A análise desse grupo assim definido torna, por sua vez, mais claras as expectativas sociais sobre **mulheres** em geral e mostra, por contraste, a quebra dessas expectativas, implícita na atuação das personagens do primeiro grupo.

Mas talvez seja ilusório pensar em encontrar padrões de feminilidade ou masculinidade "de época" no interior de uma mesma sociedade e à tão curta distância de nosso tempo; em grandes traços, suas formas são muito semelhantes às de hoje, na nossa sociedade: variam detalhes de conteúdo (não mais usamos chapéus em cerimônias acadêmicas; o traje masculino numa pesquisadora de campo não ameaça sua definição de gênero), não as estratégias. Pois ainda é de lutas que se trata e que se travam no campo semântico, assim como no campo político. Talvez seja possível explicitar esses conteúdos tão variáveis e essas formas mais permanentes recolocando essas personagens cada uma em seu cenário próprio e tentando compreender a leitura que seus interlocutores faziam de sua presença ali, e comparando-as depois com personagens cuja presença quase não era notada pelos interlocutores de seus maridos.

Tento assim compreender, primeiro, como aquela luta se expressou em termos literários, isto é, em que sentido, ao lhe roubarem a palavra, expressando eles o que esperavam que elas expressassem na sua atuação, três escritores redefinem três de nossas personagens, de certo modo exibindo mais claramente do

uma "mãe" que os jovens pesquisadores do Museu Nacional se relacionavam com Heloisa Alberto Torres.

²⁸ A parceria etnográfica não era um privilégio de casais: várias duplas de pesquisadores se constituíram na mesma época, mas Eduardo Galvão, por exemplo, nunca foi chamado de "o parceiro de Charles Wagley".

que o faziam seus contemporâneos na vida real, esse movimento de re-alocação de figuras ambíguas a um universo feminino.²⁹

Persigo, em seguida, as trajetórias dessas mesmas três personagens, agora com seus nomes reais (Emilia Snethlage, Leolinda Daltro e Heloisa Alberto Torres) como exemplos quase do avesso do que era uma carreira bem sucedida de suas contrapartidas masculinas. Uma naturalista, uma sertanista e uma pesquisadora de Museu, figuras bastante comuns na história da antropologia no Brasil e alhures, no que elas tornam diferentes essas carreiras ao conjugá-las no feminino?³⁰

Faço depois um contraponto desse grupo com o das esposas, mostrando o modo como eram vistas -em pouquíssimos exemplos se pode saber como elas se viam - as esposas dos pesquisadores que começavam a chegar acompanhados ao país na década de trinta, já que até então o mais comum era que os viajantes, especialmente naturalistas, viessem sós. A criação dessa nova categoria, a pesquisadora-esposa, parece ter afetado também a categoria pesquisadora: as dificuldades encontradas por algumas delas que vieram fazer pesquisa aqui desacompanhadas sugere que na década de trinta e quarenta deste século a função de pesquisadora estava mais claramente definida como uma função masculina do que no final do século passado ou no início deste, o que pode estar também relacionado à uma definição mais precisa do campo da antropologia como um campo profissional. Os textos no seu conjunto tentarão, então, mostrar três personagens(Emilia, Leolinda e Heloisa) entre dois mundos, duas circunscrições: o da ficção (nos

²⁹ Ver o meu "Três heroínas do romance antropológico brasileiro", IN *Primeira Versão* (22), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1990.

³⁰ Ver CORRÊA: "Os índios do Brasil elegante e a professora Leolinda Daltro", IN *Revista Brasileira de História* (18), ANPUH/Editora Marco Zero, São Paulo, 1989; "A doutora Emilia e a tradição naturalista", IN *Horizontes Antropológicos* (1), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995; e "Dona Heloisa e a pesquisa de campo", a sair na *Revista de Antropologia*.

A natureza imaginária do gênero

romances sobre elas) e o da realidade, não de suas biografias singulares, mas da realidade aceita, ou aceitável, das mulheres que cumpriam trajetórias semelhantes às suas, mas enquanto esposas. Elas preenchem, assim, uma espécie de interregno nessa galeria de figuras da história da antropologia, constituindo-se como seres de **natureza imaginária**, por estarem fora de seu espaço "natural", sem terem sido admitidas ao novo espaço social que ocupam: nem homens nem mulheres, em termos culturais, seres anômalos, aparentados antes aos monstros do que à raça humana.³¹

THE GENDER IMAGINARY NATURE IN ANTHROPOLOGY HISTORY

Abstract

Drawing information from a broader research about the history of anthropology in Brazil, this article suggests that the life course of some female personae of this history challenges the supposed imperviousness of the masculine/feminine categories in the gender classificatory system. Once beings socially defined as belonging to the private sphere are found in the public sphere, the ambiguity of their position puts them in an anomalous category, as part of a kind of "imaginary nature".

³¹ "Os monstros sempre definiram os limites da comunidade no imaginário do Ocidente. Os Centauros e as Amazonas da Grécia antiga estabeleceram os limites da polis nuclear dos gregos humanos e masculinos, disrompendo o casamento e poluindo as fronteiras entre o guerreiro, a animalidade e a mulher. Gêmeos idênticos e hermafroditas eram o confuso material humano que servia de base aos discursos médicos e jurídicos sobre o natural e o sobrenatural, os prodígios e as doenças, nos primeiros anos da França da era moderna - elementos cruciais para o estabelecimento da identidade moderna." (D. Haraway, 1985:99.)